

## ALFABETIZAÇÃO E AUTORIA: EXPERIÊNCIAS COM O JORNAL ESCOLAR EM AMBIENTE DIGITAL

LITERACY AND AUTHORSHIP: EXPERIENCES WITH A SCHOOL NEWSPAPER IN A  
DIGITAL ENVIRONMENT

 **Priscilla Gomes Guilles Mattos**

ORCID iD: [orcid.org/0009-0003-3854-0803](https://orcid.org/0009-0003-3854-0803)

Escola Municipal Lêda Vargas Giannerini, São Gonçalo, Brasil.

Contato: [priscillaguilles@yahoo.com.br](mailto:priscillaguilles@yahoo.com.br)

**Resumo:** O artigo apresenta uma experiência com o jornal escolar como prática pedagógica que promove autoria infantil, alfabetização contextualizada e múltiplos letramentos no cotidiano da escola pública. A iniciativa, desenvolvida com turmas do 4º ano do ensino fundamental em uma escola pública de São Gonçalo, articula leitura, escrita e mediação tecnológica a partir de propostas vinculadas aos componentes de Língua Portuguesa e aos projetos institucionais da unidade. O trabalho integra versões impressas e digitais por meio do desenvolvimento de um site e de um aplicativo próprio. Fundamentada em autores como Freire, Cautela, Kenski e Rojo, a proposta se ancora em uma perspectiva dialógica e humanizadora, que valoriza a escuta das infâncias e a produção coletiva de sentidos. Os resultados parciais indicam avanços na formação cidadã das crianças e na ampliação das práticas docentes, evidenciando que o jornal escolar se configura como espaço de autoria, inclusão e fortalecimento dos vínculos entre escola, território e comunidade.

**Palavras-chave:** Jornal Escolar; Alfabetização; Multiletramentos; Autoria; Tecnologias Digitais.

**Abstract:** This article presents an experience with a school newspaper as a pedagogical practice that promotes children's authorship, contextualized literacy, and multiple literacies in the daily life of a public school. The initiative, developed with 4th-grade classes in a public school in São Gonçalo, integrates reading, writing, and technological mediation through activities linked to the Portuguese Language curriculum and institutional projects of the school. The work combines print and digital versions through the development of a dedicated website and mobile application. Grounded in authors such as Freire, Cautela, Kenski, and Rojo, the proposal is based on a dialogical and humanizing perspective that values children's voices and the collective construction of meaning. Preliminary results indicate advances in children's citizenship education and in the expansion of teaching practices, showing that the school newspaper is configured as a space of authorship, inclusion, and strengthened connections between school, territory, and community.

**Keywords:** School Newspaper; Literacy; Multiliteracies; Authorship; Digital Technologies.

## Introdução

Em contextos escolares marcados por desigualdades e pelos impactos ainda visíveis do período pandêmico, estudantes da escola pública seguem enfrentando desafios significativos em seus processos de alfabetização. Nesse cenário, torna-se urgente a construção de propostas pedagógicas que reconheçam as crianças como sujeitos ativos, autores de suas trajetórias, capazes de produzir sentidos e conhecimentos a partir de suas vivências. Desenvolver práticas que valorizem o diálogo, a autoria e a criatividade são um movimento necessário para romper com modelos tradicionais ainda presentes no cotidiano da sala de aula.

Como destaca Vygotsky (apud Brandão, 2012), “educar significa mudar. Se não houver nada para mudar, não haveria nada para educar”. A educação, por essência, implica transformação: tanto do sujeito quanto da prática pedagógica que o cerca.

Foi nesse horizonte que surgiu a experiência com o jornal escolar, inicialmente pensado como uma estratégia para mobilizar o interesse dos estudantes pela leitura e escrita. Contudo, ao longo do processo, percebemos que o jornal ultrapassava o plano da motivação e se consolidava como espaço real de autoria e circulação de textos, onde a alfabetização se dava de forma situada, participativa e discursiva.

A proposta foi desenvolvida com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal da região metropolitana do Rio de Janeiro. Inspirada nas ideias de Freinet (1977) e fundamentada em autores como Rojo (2013), Freire (1996), Cautela (2021) e Kenski (2012), a experiência incorporou as tecnologias digitais ao cotidiano escolar por meio da criação de um aplicativo pedagógico.

Idealizado por mim e desenvolvido em parceria com um professor da escola, o aplicativo pedagógico do jornal escolar foi criado como desdobramento do projeto e está disponível gratuitamente na plataforma Google Play. A ferramenta integra leitura, escrita, publicação e interação, favorecendo o protagonismo das crianças por meio das linguagens digitais. Nesse movimento, o jornal escolar digital deixa de ser apenas um recurso didático e pode se configurar como uma estratégia de formação cidadã, uma vez que amplia as possibilidades de participação, fortalece o vínculo entre escola, território e comunidade e contribui para ampliar o repertório cultural e comunicativo dos estudantes.

A proposta do jornal escolar digital dialoga com um conjunto de referenciais que defendem práticas pedagógicas críticas, inclusivas e situadas, capazes de valorizar as

vozes infantis e as múltiplas linguagens no contexto escolar. Paulo Freire (1996; 2003) nos lembra que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, e que os processos educativos devem possibilitar a interpretação crítica da realidade. Nesse sentido, o jornal, especialmente em sua versão digital, torna-se um espaço privilegiado para que as crianças expressem suas percepções sobre a vida, o território e as relações sociais.

Ao pensar a alfabetização como prática discursiva, Machado e Lopes (2023) enfatizam a dimensão simbólica e social da escrita, reafirmando que aprender a escrever não se resume a dominar códigos, mas implica posicionamento, autoria e circulação de sentidos. Essa perspectiva aproxima-se dos estudos de Cautela e Lopes (2022), que defendem uma alfabetização situada, plural e aberta à diversidade dos modos de aprender e ensinar, contrapondo-se a modelos homogêneos e tecnicistas.

O jornal escolar, ao integrar linguagens diversas (texto, imagem, som, recursos digitais), materializa a concepção de letramentos múltiplos (ROJO, 2012, 2013), permitindo às crianças explorarem diferentes formas de significação e comunicação. Essa abordagem rompe com práticas centradas apenas na escrita linear, incorporando gêneros reais e usos sociais da linguagem, em consonância com os desafios contemporâneos da educação.

A inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no jornal escolar, por meio do aplicativo desenvolvido no projeto, responde às provocações de Kenski (2012), que destaca a potência das mídias na transformação das práticas pedagógicas, desde que integradas de modo crítico e intencional. Assim, não se trata apenas de digitalizar conteúdos, mas de criar experiências que ampliem a participação, a autoria e o diálogo com o mundo.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência de desenvolvimento e uso do aplicativo do jornal escolar como ferramenta de letramento e participação, analisando seus desdobramentos no processo de alfabetização, na valorização das narrativas infantis e na construção de uma educação mais dialógica, inclusiva e significativa.

## **Material e métodos**

Esta pesquisa inscreve-se no campo das abordagens qualitativas, com base etnográfica e caráter colaborativo. Essa escolha metodológica, política e epistemológica está alinhada ao reconhecimento das crianças como sujeitos de linguagem e à valorização

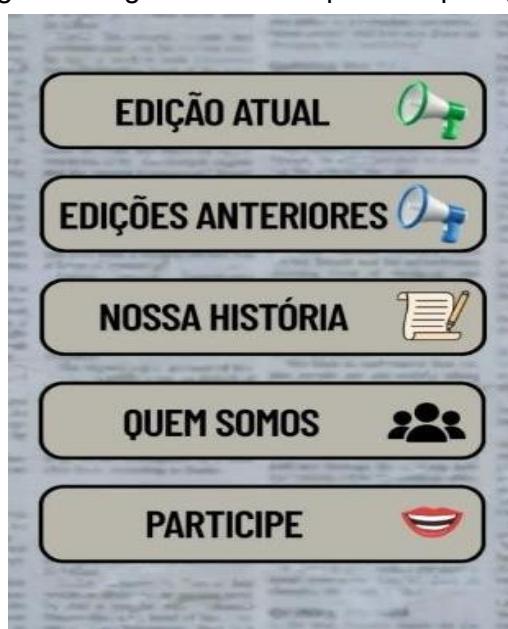
dos saberes produzidos no cotidiano da escola pública. O ponto de partida é a prática vivida, sustentada na escuta, no afeto e na aposta na potência das infâncias.

A pesquisa está sendo desenvolvida em uma escola pública da região metropolitana do Rio de Janeiro, localizada em um território marcado por desigualdades sociais e restrições no acesso a bens culturais e digitais. A instituição atende majoritariamente crianças de famílias trabalhadoras, refletindo os desafios cotidianos da educação pública. O estudo, iniciado em 2025, envolve 27 estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 9 e 10 anos, cujas trajetórias escolares apresentam dificuldades significativas na apropriação da linguagem escrita.

O trabalho tem se consolidado como uma prática potente para articular leitura, escrita, autoria e território. Ao assumirem a produção do jornal, as crianças tornam-se autoras de textos diversos, como notícias, entrevistas, crônicas, relatos e desenhos, em versões manuscritas e digitais.

Pensado como uma ferramenta digital de letramento, autoria e participação, o aplicativo foi construído a partir das necessidades reais observadas em sala de aula e se articula com o projeto pedagógico do jornal escolar, do qual também sou coordenadora. Venho cuidando da concepção pedagógica, curadoria e alimentação do conteúdo. O aplicativo funciona como um ambiente interativo (Figura 1) que potencializa as práticas de leitura e escrita, permitindo produzir, publicar e circular textos, imagens e outros materiais multimodais.

Figura 1 Página inicial do aplicativo pedagógico.



Fonte: Acervo do projeto Jornal Escolar (2025)

[Descrição da imagem] Tela inicial do aplicativo pedagógico do Jornal Escolar Nossa Voz, exibindo os ícones de navegação e a logomarca da escola. [Fim da descrição].

A interface foi desenvolvida com base em princípios de acessibilidade e linguagem simples, promovendo o protagonismo infantil e fortalecendo os vínculos entre escola, território e comunidade.

O presente trabalho assumiu uma perspectiva metodológica que reconhece as crianças como sujeitos de linguagem, valorizando seus saberes e formas de expressão. O percurso da investigação articula observações participantes, registros reflexivos em diário de campo, produções textuais das crianças e interações mediadas por tecnologias, como o aplicativo do jornal. Também integram os instrumentos de escuta o diário coletivo da turma, as rodas de conversa e os diálogos espontâneos que emergem no cotidiano escolar.

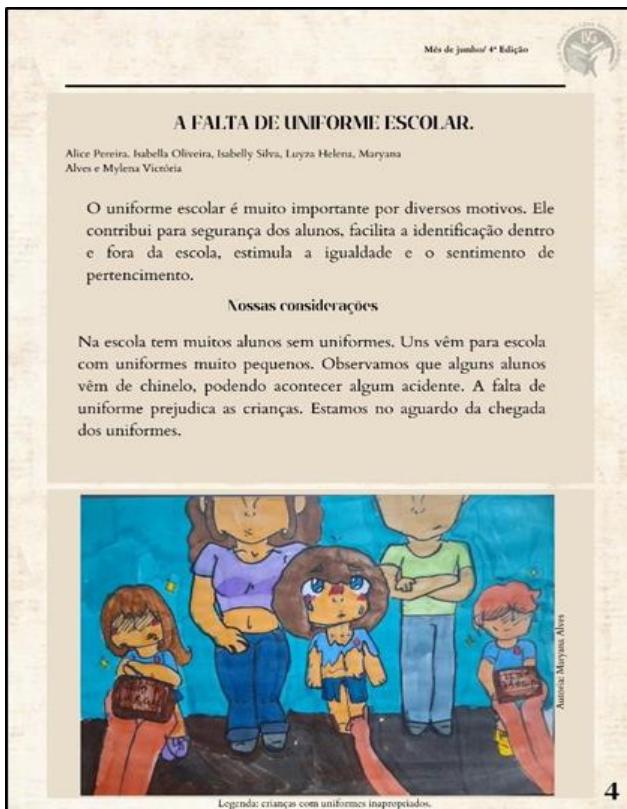
A coleta de dados está em andamento, com acompanhamento contínuo das atividades realizadas com a turma. A análise será processual, relacional e interpretativa, buscando compreender os sentidos atribuídos pelas crianças às práticas de leitura, escrita e autoria. Compreendo os registros produzidos como gestos éticos de aproximação com as infâncias e expressão legítima de ~~coautoria nos processos~~ educativos.

Na imagem original aqui contém o nome dos autores.

## Resultados e discussão

As páginas do jornal escolar digital, acessíveis por meio do aplicativo desenvolvido no âmbito do projeto, evidenciam o exercício da autoria infantil em sua forma mais genuína: conectada ao cotidiano, marcada por escuta e enraizada no território. Os temas eleitos pelas crianças, como o autismo, o racismo, o machismo, a vacinação, a história da escola e a ausência de uniforme (Figura 2), revelam não apenas interesses pontuais, mas experiências vividas, sentidos compartilhados e urgências sentidas no chão da escola pública.

Figura 2 – Reportagem. “A falta de uniforme escolar



Fonte: Acervo do projeto Jornal Escolar (2025)

[Descrição da imagem] Página do jornal escolar que apresenta uma matéria sobre a falta de uniforme, acompanhada por uma ilustração feita pelas crianças mostrando estudantes com roupas e calçados inadequados. [Fim da descrição].

As produções revelam a apropriação de gêneros jornalísticos por parte das crianças, que exploram características como título impactante, argumentação fundamentada e uso de dados estatísticos. Esse processo desloca a escrita escolar do espaço do “fazer por obrigação” para práticas situadas e socialmente relevantes, alinhadas ao que Rojo (2012, 2013) define como multiletramentos. A escolha do tema evidencia pertencimento ao território e sensibilidade às problemáticas sociais concretas da escola, como observado na Figura 2, relacionando-se diretamente às experiências vividas pelos estudantes, especialmente em contextos marcados por desigualdades. Essa perspectiva dialoga com Freire (1996), ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, pois a escrita nasce da realidade experienciada, gerando criticidade.

Figura 3– Reportagem. “Racismo na escola: Educar para transformar.” (A), (B) e (C)

Mês de junho/ 4ª Edição

## RACISMO NA ESCOLA: EDUCAR PARA TRANSFORMAR

O racismo é o ato de discriminar, isto é, fazer distinção de uma pessoa ou grupo por associar suas características físicas e étnicas a estígmas, estereótipos e preconceitos. Essa distinção implica num tratamento diferenciado, que resulta em exclusão, segregação, opressão, acontecendo em diversos níveis, como o espacial, cultural e social.

O Brasil é o país com a maior população negra fora da África em números absolutos.

No entanto, essa população, que é majoritária na composição da sociedade brasileira, está sub-representada em todos os âmbitos da vida social. Isso acontece porque, embora haja igualdade jurídica, há mecanismos informais de discriminação que filtram o seu acesso a oportunidades, qualificação e esferas de decisão, como aponta o maior sociólogo brasileiro, Florestan Fernandes, em seu livro “A integração do negro na sociedade de classes”.

Esse problema central engendrou o que hoje denominamos de racismo estrutural. A ausência de políticas públicas de integração da população negra recém-liberta, relegando-a à própria sorte, gerou consequências dramáticas que se reproduziram no tempo.

6

(A)

Mês de junho/ 4ª Edição

Conforme dados do IBGE de 2018[4], 56,10% da população brasileira declara-se como preta ou parda.

Ainda de acordo com Censo Demográfico, divulgado pelo IBGE de 2022, no município de São Gonçalo 45,9% dos habitantes se consideram pardos e 17% pretos.

No entanto, quando observamos dados do mercado de trabalho, 68,6% dos cargos gerenciais eram ocupados por brancos, e somente 29,9%, por pretos ou pardos.

Esses dados ressaltam a urgência na promoção de políticas públicas voltadas para a população parda e preta de forma a democratizar o acesso a serviços públicos e a oportunidades.

A preconcepção firmada acerca do outro é uma forma que encontramos de dar previsibilidade às relações e às situações que experenciamos. Quando fundamentada em juízo de valor “positivo”, ela restringe as possibilidades do outro a um reducionismo imposto a ele, limitando suas capacidades. Quando norteada por juízo de valor negativo, pode gerar situações de exclusão social e mesmo de intolerância, aversão e violência. Reconhecer e desconstruir as associações mentais entre características e comportamentos específicos é fundamental para que possamos nos desvencilhar das diversas formas de preconceito e criar formas mais justas e humanas de nos relacionar e lidar com o diferente.

7

<https://mundodeducação.uol.com.br/sociologia/racismo-no-brasil.htm>

(B)

Mês de junho/ 4ª Edição

### Nossas considerações

Os negros sempre sofreram com o racismo, pois vivemos quase quatro séculos de escravidão. Nós que somos um grupo prioritariamente negro, já sofremos racismo na escola. Na escola tem racismo e até no bairro e na rua tem racismo. Muitas vezes as pessoas pretas são discriminadas quando entram em alguma loja. É verdade! Precisamos falar sobre isso. É serio!

A pessoa que sofre racismo guarda pra si e não quer falar com os outros porque dói. É importante desabafar. Então, se abra para uma pessoa confiável.

Racismo não!



Legenda: Uma cena de racismo com o inspetor fazendo a intervenção.

8

(C)

Fonte: Acervo do projeto Jornal Escolar (2025)

[Descrição da imagem] Página do jornal escolar com um texto informativo sobre racismo na escola, abordando conceitos, dados sociais e reflexões sobre discriminação e desigualdades, e uma ilustração que representa uma situação de discriminação sendo interrompida por um adulto. [Fim da descrição].

As produções sobre racismo reforçam como o jornal escolar se constitui em espaço de denúncia, reflexão e exercício de cidadania. O texto principal, acompanhado por dados estatísticos e referências históricas, evidencia que as crianças são capazes de lidar com temáticas complexas, como o racismo estrutural, de forma crítica e argumentativa. Esse movimento aproxima a prática pedagógica de uma perspectiva emancipatória, em que os estudantes não apenas escrevem, mas produzem discursos situados, atravessados por experiências reais, atribuindo sentidos às aprendizagens.

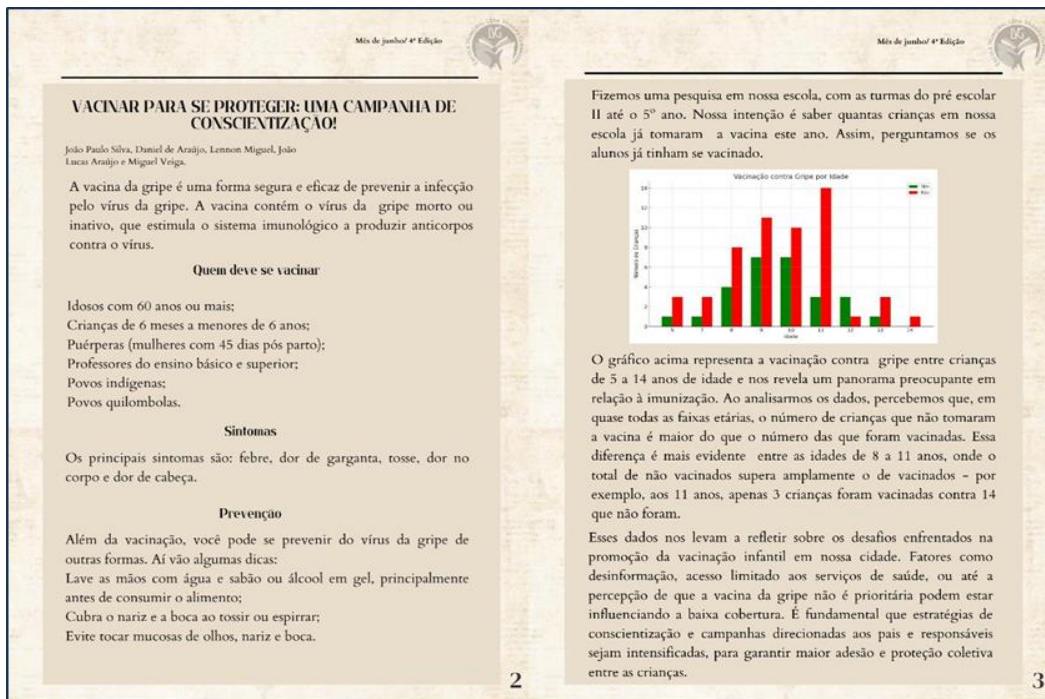
A seção “Nossas considerações” e a ilustração autoral ampliam essa potência ao trazerem vozes infantis que interpelam a escola e a sociedade: “Na escola tem racismo e até no bairro e na rua tem racismo”. A escolha lexical, direta e afetiva, revela uma escrita que nasce da vivência, em diálogo com aquilo que as crianças observam e sentem, confirmando a afirmação freireana de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. O desenho, por sua vez, insere uma dimensão estética e simbólica que não apenas complementa o texto, mas projeta sentidos, expressões faciais e cores denunciam dor, indignação e desejo de mudança.

Essas produções, quando publicadas em meio digital, dialogam com práticas sociais mais amplas, integrando imagem, texto e dados em um processo de multimodalidade, como aponta Rojo (2012). Além disso, a escolha do tema e sua abordagem situam o jornal como ferramenta para uma alfabetização contextualizada, que considera o território, a diversidade e as desigualdades como elementos estruturantes do currículo. Assim, a escrita deixa de ser mera repetição e se transforma em ação política e social, capaz de mobilizar consciência crítica e pertencimento.

Na mesma direção, a reportagem sobre a vacinação amplia essa perspectiva ao articular escrita, pesquisa e intervenção social, transformando o jornal em espaço de produção de informações que impactam diretamente a comunidade. Ao tratar de um tema de saúde pública, as crianças ressignificam o ato de escrever, atribuindo-lhe uma função social concreta: conscientizar sobre a importância da imunização. Essa escolha reafirma a potência de uma alfabetização que se ancora na realidade, mobilizando práticas de leitura e escrita que extrapolam os muros da escola para dialogar com problemas e soluções do

cotidiano.

Figura 4. Reportagem “Vacinar para se proteger: uma campanha de conscientização



Fonte: acervo do Jornal Escolar (2025)

[Descrição da imagem] Páginas do jornal escolar com uma matéria sobre vacinação infantil, incluindo orientações de saúde, público-alvo, sintomas, prevenção e um gráfico produzido pelas crianças com dados coletados na escola. [Fim da descrição].

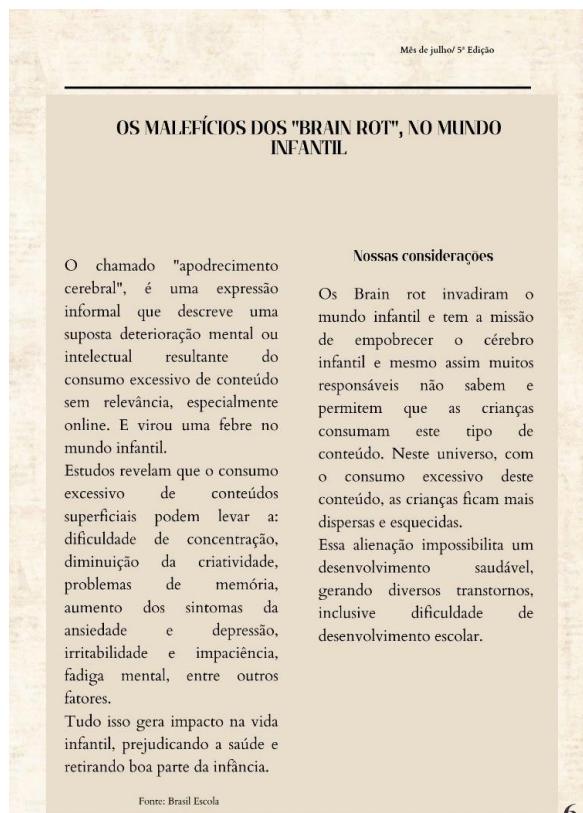
A campanha educativa sobre vacinação, elaborada pelas crianças, evidencia uma prática pedagógica que alia alfabetização e responsabilidade social. A produção apresenta linguagem clara, informações científicas e orientações práticas, demonstrando que os estudantes compreenderam a função social do texto informativo. Ao escreverem sobre prevenção, sintomas e público-alvo da imunização, as crianças desenvolvem não apenas habilidades linguísticas, mas também competências críticas, assumindo papel ativo na promoção da saúde coletiva.

O segundo material amplia essa perspectiva ao introduzir uma dimensão investigativa, por meio da coleta e organização de dados em gráfico. Esse recurso indica que o jornal escolar não se limita à transmissão de informações, mas integra práticas que mobilizam diferentes linguagens e áreas do conhecimento, favorecendo a construção de significados em situações reais. O uso do gráfico e sua análise crítica reforçam a aprendizagem estatística articulada ao discurso escrito, promovendo um letramento que extrapola a sala de aula e contribui para a formação cidadã.

Essas produções revelam que, quando a escrita se ancora em questões socialmente relevantes, como a vacinação, ela se transforma em uma ferramenta de conscientização e intervenção no território. Ao mesmo tempo, reafirma a potência de um processo de alfabetização que reconhece a escola como espaço de produção de conhecimento, participação e diálogo com a comunidade, fortalecendo a relação entre ensino, vida cotidiana e responsabilidade coletiva.

Na sequência, o jornal amplia o debate para questões emergentes da cultura digital, abordando os impactos do consumo excessivo de conteúdos superficiais, fenômeno popularmente conhecido como *brain rot*. Ao tematizar esse comportamento, as crianças demonstram consciência crítica sobre desafios contemporâneos que atravessam a infância, refletindo sobre como práticas digitais podem influenciar a atenção, a criatividade e o desenvolvimento saudável. Essa escolha reforça a centralidade de uma alfabetização que não se restringe ao domínio técnico da escrita, mas que prepara para a leitura ética e reflexiva do mundo, incluindo os riscos e potencialidades das tecnologias.

Figura 5. Reportagem “Os malefícios dos brain rot no mundo infantil”



Mês de julho/ 5ª Edição

## OS MALEFÍCIOS DOS "BRAIN ROT", NO MUNDO INFANTIL

O chamado "apodrecimento cerebral", é uma expressão informal que descreve uma suposta deterioração mental ou intelectual resultante do consumo excessivo de conteúdo sem relevância, especialmente online. E virou uma febre no mundo infantil. Estudos revelam que o consumo excessivo de conteúdos superficiais podem levar a: dificuldade de concentração, diminuição da criatividade, problemas de memória, aumento dos sintomas da ansiedade e depressão, irritabilidade e impaciência, fadiga mental, entre outros fatores. Tudo isso gera impacto na vida infantil, prejudicando a saúde e retirando boa parte da infância.

**Nossas considerações**

Os Brain rot invadiram o mundo infantil e tem a missão de empobrecer o cérebro infantil e mesmo assim muitos responsáveis não sabem e permitem que as crianças consumam este tipo de conteúdo. Neste universo, com o consumo excessivo deste conteúdo, as crianças ficam mais dispersas e esquecidas. Essa alienação impossibilita um desenvolvimento saudável, gerando diversos transtornos, inclusive dificuldade de desenvolvimento escolar.

Fonte: Brasil Escola

6

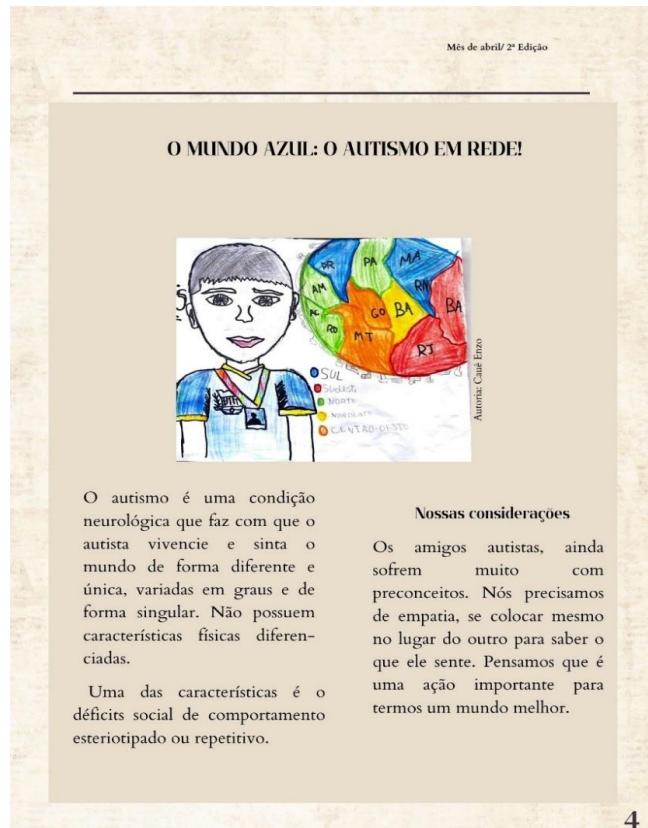
Fonte: Acervo do projeto Jornal Escolar LVG (2025)

[Descrição da imagem] Página do jornal escolar com uma matéria sobre os efeitos do consumo excessivo de conteúdos digitais no mundo infantil, acompanhada das considerações das crianças sobre o tema. [Fim da descrição].

A escolha do tema “brain rot” demonstra a sensibilidade das crianças em problematizar aspectos do cotidiano digital que impactam diretamente sua geração. Ao explicarem os riscos do consumo excessivo de conteúdos superficiais, associando-os à perda de concentração, redução da criatividade e prejuízos ao desenvolvimento, os estudantes revelam uma compreensão crítica do fenômeno. Essa reflexão reforça a concepção de alfabetização como prática discursiva situada, que não se limita ao domínio técnico, mas envolve a leitura ética e a interpretação dos desafios culturais contemporâneos.

Segundo Cautela (2022), a alfabetização deve ocorrer em rede com diferentes linguagens e contextos, incorporando as dimensões socioculturais que atravessam a vida das crianças. Ao transformar um tema da cultura digital em pauta jornalística, a produção evidencia a potência de práticas pedagógicas que favorecem autoria e autonomia, deslocando o estudante da posição de consumidor passivo para a de produtor consciente de informação. Tal perspectiva dialoga também com Kenski (2012), ao destacar que as tecnologias, longe de serem neutras, carregam valores e demandam processos educativos que preparem sujeitos para interagir criticamente com elas. Assim, a escrita se configura como ação de resistência, um ato formativo que contribui para o desenvolvimento de competências cognitivas, éticas e sociais.

Figura 6. Reportagem “O mundo azul: o autismo em rede”



Fonte: Acervo do projeto Jornal Escolar LVG (2025)

[Descrição da imagem] Página do jornal escolar que apresenta uma matéria sobre o autismo, acompanhada de uma ilustração infantil e reflexões das crianças sobre empatia e respeito às pessoas autistas. [Fim da descrição]

A matéria “O mundo azul: o autismo em rede!” apresenta um texto informativo acessível, aliado a considerações produzidas pelas crianças, que sublinham a necessidade de respeito e empatia. A ilustração, com cores vibrantes e um mapa do Brasil, sugere a abrangência do movimento pela inclusão, projetando a ideia de que o compromisso com a diversidade é coletivo e não restrito ao espaço escolar. Essa combinação entre texto e imagem reforça uma abordagem pedagógica que articula letramentos múltiplos, permitindo que as crianças expressem sentidos por meio de diferentes linguagens.

Para Machado e Lopes (2023), práticas de escrita vinculadas a questões éticas e sociais fortalecem uma alfabetização discursiva, que reconhece as crianças como sujeitos de direitos e protagonistas do processo educativo. Nessa perspectiva, o jornal escolar se afirma como território de autoria, no qual os estudantes constroem saberes que transcendem conteúdos curriculares, mobilizando valores e atitudes que sustentam a

educação inclusiva. A proposta, portanto, materializa a pedagogia ativa defendida por Freinet, ao engajar as crianças na produção de textos com função social, que circulam e provocam reflexão na comunidade.

As experiências analisadas evidenciam que o jornal escolar digital se configura como um espaço de produção discursiva que transcende a dimensão técnica da alfabetização, articulando autoria, criticidade e práticas sociais significativas. Ao problematizar temas que atravessam o cotidiano das crianças – como racismo, vacinação, inclusão e cultura digital, o projeto não apenas potencializa o desenvolvimento de competências linguísticas, mas promove uma formação ética e cidadã. Essa perspectiva reafirma a escola como lugar de participação, diálogo e construção coletiva de saberes, onde escrever e ler assumem sentido político e transformador, em consonância com uma educação comprometida com a diversidade e com a vida em sociedade.

## Conclusão

Os resultados parciais desta pesquisa evidenciam que o jornal escolar digital se configura como uma prática pedagógica potente para o fortalecimento dos letramentos múltiplos, da autoria infantil e da alfabetização situada no cotidiano da escola pública. Ao assumirem o papel de autores, as crianças se expressam com liberdade, elaboram reflexões críticas e constroem sentidos a partir de suas vivências, exercendo seu direito à participação e à cidadania.

As produções analisadas revelam o envolvimento dos estudantes com temas socialmente relevantes, como racismo, capacitismo, desigualdade de gênero, vacinação e memórias da comunidade escolar, indicando que a escrita pode se tornar um gesto de posicionamento e transformação. Além disso, o uso do recurso digital ampliou a circulação e a visibilidade dessas vozes, fortalecendo os vínculos entre escola, território e comunidade.

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, os indícios apontam que o jornal escolar, aliado às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, é uma ferramenta significativa para ressignificar os processos de leitura e escrita, reconhecendo a diversidade dos sujeitos e promovendo práticas pedagógicas mais inclusivas, dialógicas e comprometidas com a formação integral das crianças.

## Referências

- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262550254\\_O\\_professor\\_pesquisador\\_introduca\\_o\\_a\\_pesquisa\\_qualitativa](https://www.researchgate.net/publication/262550254_O_professor_pesquisador_introduca_o_a_pesquisa_qualitativa). Acesso em: 22 jul. 2025.
- CAUTELA, M. L.; LOPES, E. T. Alfabetização em rede: sujeitos, práticas e discursos. In: LOPES, E. T.; MACEDO, R. E. F. (org.). *Alfabetização: discursos, práticas e políticas*. Belo Horizonte, Autêntica, 2022, p. 89-110.
- FREINET, C. *A educação do trabalho*. São Paulo, Martins Fontes, 1977.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo, Cortez, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1978.
- KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 8. ed. Campinas, Papirus, 2012.
- LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- MACHADO, M. A.; LOPES, E. T. Alfabetização como prática discursiva: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Alfabetização*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 15-28, 2023. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/issue/view/26>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. Lisboa, Dom Quixote, 1995.
- ROJO, R. H. R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo, Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, R. H. R. *Multiletramentos na escola*. São Paulo, Parábola Editorial, 2013.
- TAVARES, M. T. G. Alfabetização patrimonial: escola, cidade e cultura. Niterói, EdUFF, 2021.



## Notas de autoria

**Priscilla Gomes Guilles Mattos** é Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Professora na Escola Municipal Lêda Vargas Giannerini, São Gonçalo, Brasil.

Contato: [priscillaguilles@yahoo.com.br](mailto:priscillaguilles@yahoo.com.br)

ORCID iD: [orcid.org/0009-0003-3854-0803](https://orcid.org/0009-0003-3854-0803)

## Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

MATTOS, P. G. G. “Alfabetização e autoria: experiências com o jornal escolar em ambiente digital”. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 16, n. 2 p. 83-98, 2025.

## Financiamento

Não se aplica.

## Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

## Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

## Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista **Sobre Tudo**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

## **Histórico**

Recebido em: 27/07/2025

Aprovado em: 09/12/2025

Publicado em: 19/12/2025